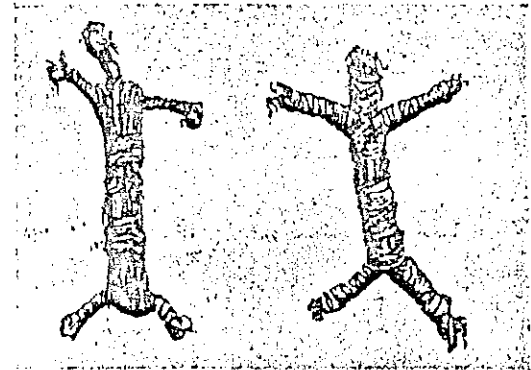


No presente ensaio e em continuação aos estudos já publicados nas Actas Ciba (No. 4 de 1940 e Nos. 3-4 de 1944) vamos tratar, agora, dos ritos e práticas dos índios do Brasil antes, durante e depois do parto.

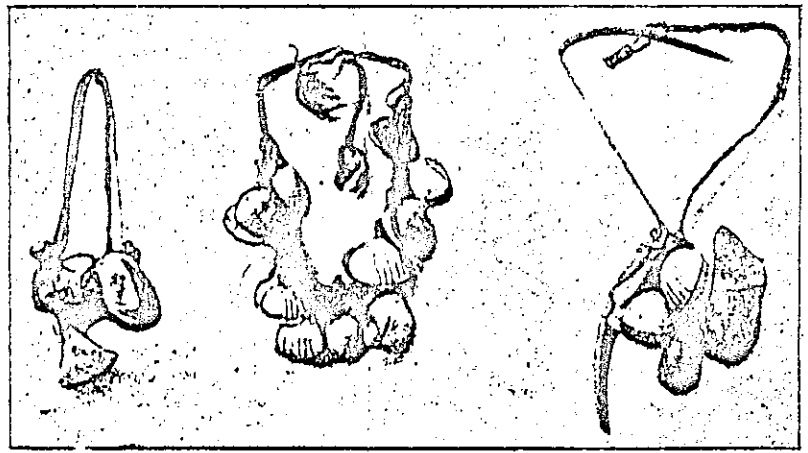
O material mais importante a respeito desse assunto, encontra-se nas crônicas dos séculos XVI e XVII, da autoria, sobretudo, dos missionários europeus encarregados da catequese indígena, as quais se referem especialmente aos Tupinambás. Os Tupinambás eram, como se sabe, uma das mais importantes famílias de povos primitivos do Brasil, localizados de preferência no litoral, abrangendo as tribus conhecidas pelos tradicionais nomes de Tamoios, Caetés, Temiminós, Tupiniquins, Petiguaras, Tabajaras, etc.

Quando uma índia Tupinambá sentia as dores do parto, estirava-se no chão, ou em uma tábua apropriada. Essa mesa de operações era guardada no interior da oca, suspensa a um dos seus tirantes. Nessa ocasião, as parentas e amigas mais chegadas rodeavam a parturiente. Se a "délivrance" era laboriosa, o marido comprimia o ventre da esposa. Cobia-lhe, ainda, partir com os dentes e, algumas vezes, com duas pedras,



Bancos de palha, feitas pelos Bacairis do rio Xingú (segundo K. v. d. Steinen). Serviam também para assinalar, postas em uma vara, que havia festa na aldeia.

o cordão umbilical e levantar a criança (mitanga). Quando se tratava de um menino, a mãe ou qualquer outra parenta cortava a vide. Também na ausência do pai, cumpria ao tio materno praticar a cerimônia do levantamento do recém-nascido. Isso feito, banhava-se o pimpolho no riacho, achatava-se-lhe o nariz e ungiá-se-lhe o corpo de óleo, que, depois, era pintado com tintura extraída do jenipapo (Genipa americana, L.) ou de urucú (Bixa orellana, L.). Após a pintura, punha-se o bebê em uma redezinha suspensa entre duas estacas, na



Colares de conchas e de ossos de casca. No da direita, vê-se uma garra de preguiça. São adornos usados pelas crianças Guató, hoje localizados no delta do São Lourenço (segundo Max Schmidt).

segundo a tradição, a primeira Tupinambá, segundo a tradição, a estampa de Jean de Léry (século XVI). A mulher carrega o filho na "tipóia", espécie de rede ou suco, onde a criança ficava presa, com as pernas escanchadas nos quadris maternos.

CEDI - P. I. B.
DATA 31/12/86
COD. A5D00016



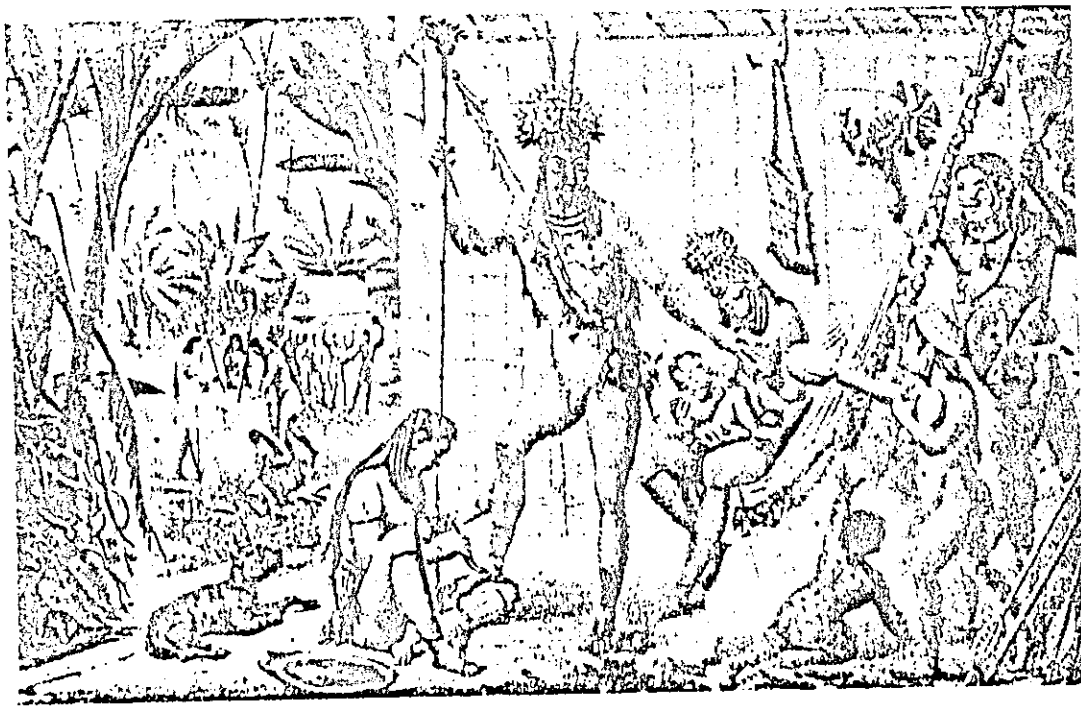
qual, em se tratando de macho, o pai pendurava alguns molhos de ervas, plumas de aves de rapina, arcos e flechas (em tamanho pequeno) ou, se era fêmea, uma cabaninha e uma mecha de algodão, cingindo-

se-lhe, ainda, os punhos e tornozelos com as célebres tapacuras. As tapacuras eram uma espécie de ligas, tecidas com algodão, de uso feminino, que as mães geralmente põem nas filhas quando estas se tornam moças

(para engrossar a barriga das pernas, como explica Gabriel Soares de Sousa, fazendeiro e senhor-de-engenho da Bahia, na décima-sexta centúria). O uso das tapacuras é testemunhado por Thevet. Os fios de algodão em torno dos punhos, dos cotovelos, das barrigas das pernas e dos tornozelos é costume peculiar aos *Guaraitás* e *Itatins*.

Terminados os cuidados preliminares, bebia-se cauim — o licor sagrado dos índios —, e tinha lugar a escolha do nome da criança. Em seguida, a parturiente cuidava de banhar-se no rio, ao passo que o marido se punha de resguardo, ao abrigo do vento, estendido na rede, onde era visitado por todas as mulheres da aldeia, que lhe dirigiam “palavras cheias de consolação pelo trabalho e dor”. Era o *chôco* ou *covada*, costume cuja distribuição geográfica é tão vasta, mas também — segundo a frase de R. R. Schüller — tão característica da civilização indígena do Brasil.

Tais eram, em linhas gerais, os ritos do parto entre os aborígenas do Brasil.

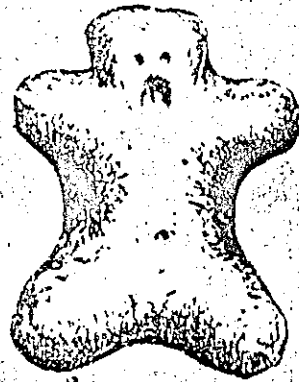


Família de Cumacás (entre os rios Pardo e das Contas), preparando-se para uma festa. As crianças, mesmo as de peito, são também pintadas e participam das festas (segundo Debret).

Se quisermos obter mais alguns pormenores a respeito do assunto, vejamos o que dizem de “per si” os cronistas e autores da época.

Pero de Magalhães Gandavo, português, que residiu algum tempo no Brasil, na sua *História da Província de Santa Cruz* (escrita por volta de 1570), apenas informa que a mulher índia, ao parir, a primeira coisa que fazia era lavar-se na ribeira; isso com tal disposição, que dava a impressão de não haver parido. O mesmo fazia a parturiente com a criança, deitando-se o marido, em lugar da esposa, na rede, para aí ser visitado e curado como se fôra a própria parida.

Gabriel Soares de Sousa, a quem já me referi acima, autor de uma *Notícia do Brasil*, que é pouco posterior à obra de Gandavo, escreveu o seguinte: “Quando estas índias entram em dores de parir, não buscam parteiras, não se guardam do ar, nem fazem outras cerimônias; parem pelos campos em qualquer outra parte como uma alimária.



Boneca de barro vermelho dos índios Auetós, da família Tupi-Guaraní (K. v. d. Steinen).

E, em acabando de parir, se vão ao rio ou fonte, onde se lavam, e às crianças que pariram. E vêm-se para casa, onde o marido se deita logo na rede, onde está muito coberto, até que seca o umbigo da criança; em o qual lugar o visitam seus parentes e amigos, e lhe trazem presentes de comer e beber, e a mulher lhe faz muitos mimos, enquanto o marido está assim parido, o qual está muito empanado para que lhe não dê o ar; e dizem que se lhe der, que fará muito nojo à criança, e que se se erguerem e forem ao trabalho, que lhe morrerão os filhos, e eles que serão doentes da barriga”. E acrescenta: “Como nascem os filhos aos *Tupinambás*, logo lhe põem o nome que lhe parece; os quais nomes que usam entre si são de alimárias, peixes, aves, árvores...; aos quais furam logo o beijo de baixo, onde lhe põem, depois que são maiores, pedras por gentileza”.

O mesmo diz frei Vicente do Salvador, autor da primeira *História do Brasil*, que é dos princípios do século XVII.

O alemão Hans Staden, que esteve, por volta de 1550, prisioneiro dos próprios *Tupinambás*, sendo, por isso mesmo, uma testemunha presencial das mais importantes, conta o seguinte dos *Tupinambás*: “A mulher de um selvagem, dos que me ajudaram a capturar, tinha dado à luz um filho. Alguns dias depois, convidou o marido os seus

vizinhos das cabanas próximas e com eles conferenciou a respeito do nome que devia dar à criança, para que esta fosse valente e temível. Deram-lhe muitos nomes, que não lhe agradaram. Deliberou então dar-lhe o nome de um dos seus quatro antepassados, e disse que crianças que têm três nomes vingam bem e ficam dextros em fazer prisioneiros”.

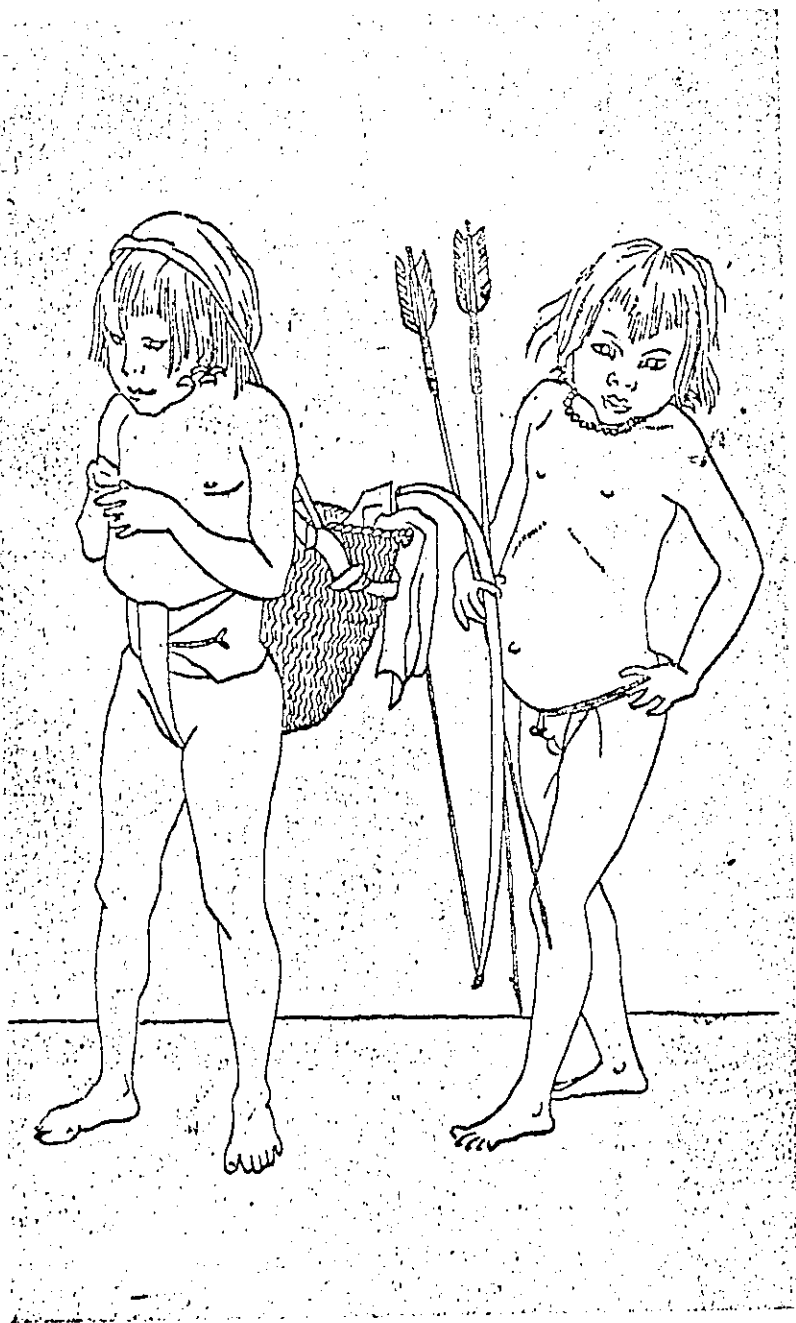
O padre Fernão Cardim, cuja obra é contemporânea à de Gabriel Soares de Sousa, informa que os índios da costa do Brasil parem no chão, sendo o pai quem levanta a criança ou, então, alguma pessoa a quem toma por compadre. E’ o pai, ainda, quem corta a vide, com os dentes ou com duas pedras, logo se pondo a jejuar por uns oito dias, isto é, até que caia o umbigo. Explica o padre Fernão Cardim, também, que os molhos de ervas, postos na rede do recém-nascido, representavam os inimigos, aos quais o mesmo terá, depois, de matar.

Mas as notícias mais importantes, a respeito dos ritos do nascimento, entre os *Tupinambás*, são fornecidas pelos sacerdotes que acompanharam os expedicionários franceses ao Brasil: o franciscano André Thevet e o calvinista Jean de Léry (ambos pertencentes à comitiva de Villegaignon, no século XVI) e os padres Yves d’Évreux e Claude d’Abbeville (da missão do Maranhão, no século XVII).

Quando a criança nasce (diz Thevet), o pai levanta-a do chão (se é macho) e corta-lhe, com os dentes, o umbigo. Se a criança pertence ao sexo feminino, tem a mãe de cortar a vide ou, não o podendo fazer, sua parenta mais próxima. Quando o pai já não é vivo ou se acha ausente, é o tio materno quem toma conta da menina, a qual será sua futura esposa. As cerimônias do banho, do achatamento do nariz e da unção oleosa, são também narradas por Thevet, que acrescenta: “Feito isso, a criança é metida em uma redezinha; sendo menino, os índios oferecem-lhe unhas de onça, garras de aves de rapina, arcozinhos e flechas, que penduram em seu leito, para

incutir-lhe valor e coragem". A unha de onça tem o poder de torná-lo indomável, do mesmo modo que as garras do uiraçu vão fazê-lo temível. Se o recém-nascido é menina, penduram-lhe ao pescoço dentes de capivara, com o objetivo de proporcionar à criança dentes fortes e sadios e, na rede, jarreteiras e cabacinhas. Por três dias (diz

ainda o referido frade), o pai abstém-se de carne, peixe e sal, alimentando-se exclusivamente de farinha e água, até que o umbigo seque e caia e, três vezes ao dia, põe o pé no ventre da espósa, praticando numerosas cerimônias pressagiosas, imitativas da caça. Logo que o umbigo cai, corta-o o pai em pedacinhos, prendendo-os à frente



Crianças Bororos (tribos do Mato Grosso). A menina carrega o seu cesto e o menino as flechas (segundo Hércules Florence).



Aspecto interior de um abrigo dos índios Guatós (segundo Hércules Florence).

dos pilares da choça. A parturiente, ao levantar-se, comprime fortemente o ventre, para impedir-lhe a queda ou as rugas, contra o principal esteio da casa.

Menos minucioso é o calvinista Jean de Léry, rival de Thevet. Mas sua descrição é bastante animada: "Pernoitando com outro francês em uma aldeia, ouvimos, certa ocasião, quase à meia-noite, gritos de mulher... Acudimos imediatamente e verificámos que se tratava apenas de dores de parto. O pai recebeu a criança nos braços, depois de cortar com os dentes o cordão umbilical e amarrá-lo. Em seguida, continuando no seu ofício de parteiro, esmagou com o polegar o nariz do filho, como é de praxe entre os selvagens do país (note-se que as nossas patricias, ao contrário, apertam o nariz, afilando-o, para dar-lhe maior beleza). Apenas sai do ventre materno, é o menino bem lavado e pintado de preto e vermelho pelo pai, o qual, sem enfaixá-lo, deita-o em uma rede de algodão. Se é ma-

cho, dá-lhe logo um pequeno tacape e um arco miúdo, com flechas curtas de ferro de papagaós".

Yves d'Évreux também não é tão rico em informações quanto Thevet, mas confirma a compressão do ventre, o chôco, etc. Do mesmo modo, C. d'Abbeville, que observa não ser a criança envolvida em nenhuma faixa ou cobertura: "Creio que por isso mesmo (diz) são menos sujeitos de que os nossos a se tornarem corcundas ou contrafeitos, pois, entre nós, desde o nascimento, são as crianças metidas em vestimentas tão apertadas que violentam a natureza".

O sobrepardo, como já se viu, durava até a queda do cordão umbilical. Nesse intervalo, o pai apenas bebia água pura e comia mingauzinhos de farinha. Explicavam os Tupinambás a prática do chôco do marido por ter o filho lhe saído "dos lombos", não fazendo a mulher mais que guardar a "semente no ventre". Tais são as expressões de

Cabriel Soares de Sousa. "As mães não são mais que uns sacos... em que se criam as crianças" — diziam os *Tupís* ao padre José de Anchieta. Por esse motivo, os *Tupinambás*, segundo diz outro padre, o jesuíta Manuel da Nóbrega, devoravam os filhos dos prisioneiros, ensinando às mães que estas não tinham nenhuma parte nos mesmos. "Só ao pai (pensavam os *Guaranís*, de acordo com o que escreve Carlos Tschauer) se devia a vida do filho. A mãe era considerada somente como guarda e depósito da prole e esta não contraía deveres para com ela". L. da Câmara Cascudo considera a covada uma exibição, conforme a epigênese, dos direitos exclusivos da paternidade: "o rigor de seu rito seria formal e o progenitor, jejuando e abstendo-se de todo esforço, estaria em condições excepcionais de pureza para transmitir ao filho a força espiritual necessária à vida futura". Raglan acredita que o chôco está ligado à comunicação da essência vital: é o preço que paga o pai pela imortalidade. Gilberto Freyre encara esse costume "pelo critério da bi-sexualidade", acrescentando parecer, com efeito, "haver na covada muito daquele desejo que Faithful salienta no homem introvertido de obter, pela identificação com a mulher, a alegria da maternidade".

O jejum, nota A. Métraux, é menos rigoroso entre os *Caiingús* e os *Chiriguanos*. Os *Guaranís*, nesse sentido, são mais conservadores.

E' ainda de Métraux a observação de que a escolha do nome da criança tinha alguma ligação com a crença nas almas reencarnadas. Com os *Apapocivas*, o cuidado da nomenclatura cabia aos feiticeiros.

No chamado grupo linguístico dos *Tapuias* ou *Gés*, com o qual não são aparentados os *Tupí-Guaranis*, as cerimônias do parto diferiam bastante.

A mulher *Botocuda* dá à luz, sozinha, na

mata ou floresta. O mesmo acontecia com a índia *Camacã*, excepto quanto à primipara: nesse caso, assistia-a uma das velhas da taba. Internando-se de mato a dentro, a *Camacã* só retornava à casa quando tomava o banho após-parto. Paria em um buraco, que fazia no solo. O marido recolhia-se ao catre e evitava comer carne de veação (anta, porco, macaco e cervo), assim como tocar em banana e milho; seu alimento consistia em iname e aves. O explorador francês J. B. Douville, a quem devemos a maior parte dessas informações, afirma que a covada existia também entre os *Pataxós*. E, a propósito do chôco, recordaremos que tal costume ocorre ainda entre os *Caiingangs*, os *Apinagês* (entre os quais o marido deve comer beijos), os *Craós* (que, no próprio dia do parto, tatuam a criança) e os *Coroados*, todos do mencionado grupo *Tapuia*.

A mulher *Coroadada* paria nos bosques, evitando o luar; alguns dias depois, parturiente e criança eram fumigadas em meio de uma festa regada a cauim. Entre os *Tapuias* do Nordeste, o parto tinha lugar também na mata, o que vem confirmar a nossa suspeita a propósito do caráter místico de semelhante costume. Joan Nieuhof, referindo-se aos *Tapuias* do Nordeste, escreve: "Logo que uma mulher concebe, afasta-se de seu marido. Quando dá à luz, vai para o mato, onde corta com uma concha o cordão umbilical do recém-nascido. Depois coze o umbigo juntamente com a placenta e come tudo".

A covada não existia apenas entre os selvícolas do grupo *Tapuia* e *Tupí-Guarani*; existe também em outros grupos linguísticos independentes como, por exemplo, entre os *Bacairís*, descritos por K. v. d. Steinen.

Éis, em resumo, os ritos e usos mais característicos da civilização dos antigos indígenas do Brasil.

Os primeiros cuidados com o recém-nascido e a iniciação entre os antigos índios do Brasil

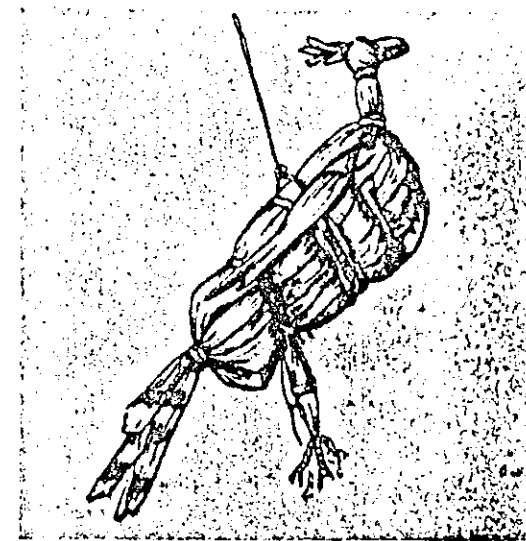
Pelo Prof. Estevão Pinto, Recife

Vejamos, em seguida, os conhecimentos e práticas dos antigos indígenas do Brasil, principalmente os do grupo *Tupí-Guarani*, em relação aos primeiros cuidados com a criança e às cerimônias de iniciação na época infantil.

Embora as informações, quanto a esse assunto, não sejam muito abundantes, sabemos que os *Tupís* recorriam a certos ritos especiais para facilitar o tratamento dos recém-nascidos.

O padre Fernão Cardim diz, por exemplo, o seguinte, com referência aos *Tupís* da costa: "As mulheres quando parem, logo se vão lavar nos rios, e dão de mamar à criança de ordinário ano e meio, sem lhe darem de comer outra coisa; amam os filhos extraordinariamente, e trazem-nos metidos nuns pedaços de rédes, que chamam *typoya*, e os levam à roça e a todo gênero de serviço, às costas, por frios e calmas, e trazem-nos como ciganos escanchados no quadril, e não lhes dão nenhum gênero de castigo. Para não lhes chamarem os filhos, têm muitos agoures, porquê lhes põem algodão sobre a cabeça, penas de pássaros e paus, deitam-nos sobre as palmas das mãos, e roçam-nos por elas para que cresçam". Viu Hans Staden certo cacique *Tupinambá*, o qual, ao visitar, pela manhã cedo, as cabanas da taba, riscava com um dente afiado de peixe as pernas das crianças. Prática semelhante, segundo Métraux, existe entre os *Itatins* ou *Guaranís* e também, em nossos dias, entre os *Chiriguanos*. A sarjadura infantil, segundo o referido Hans Staden, tinha por objetivo incutir medo às crianças.

O leite materno era, realmente, o principal alimento do selvagzinho, assim como o milho assado, mastigado pela mãe, redu-



Bonecas de espiga, imitando um gavião (índios *Bacairís*). (Segundo K. v. d. Steinen).

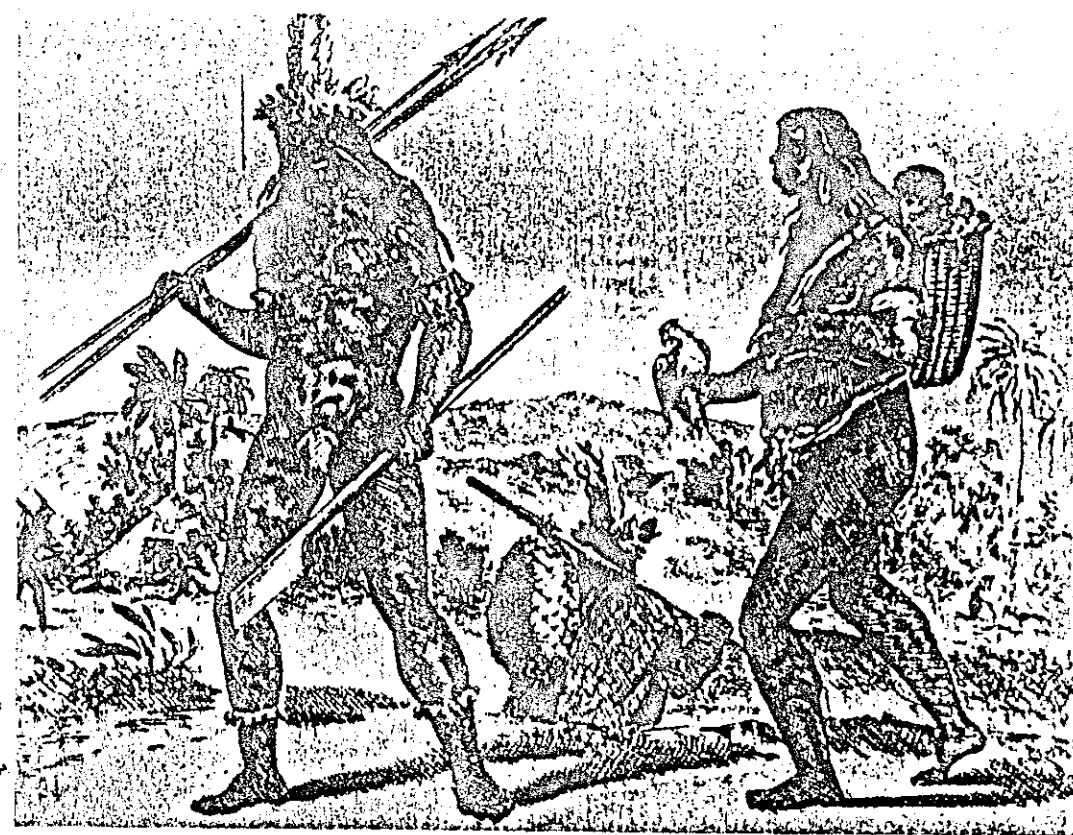
zido a bolo, posto na boca dos lactentes "como costumam fazer os pássaros com a sua prole, isto é, passando de boca em boca". Assim o diz o missionário Yves d'Évreux, que esteve entre os *Tupinambás* do Maranhão, nos começos do século XVII. Jean de Léry nota ainda que, além do leite materno, a alimentação do bebê consistia em certas farinhas mastigadas e em certas carnes tenras. Também o período de amamentação, em geral, parece que era mais prolongado do que diz o jesuíta Fernão Cardim. "As mães dão de mamar aos filhos sete ou oito anos (escreve frei Vicente do Salvador), se tantos estão sem tornar a parir, e todo este tempo os trazem ao colo, ora ela, ora os maridos, principalmente quando vão às roças". Algumas vezes, adicionava-se frutas ao leite, à farinha e à carne. O longo período de lactação é confirmado por

Pero de Magalhães Gandavo e por Gabriel Soares de Sousa. A tipoia (*typoia* de Cardim) consistia numa espécie de rede, onde a criança ficava presa, com as pernas escanchadas nos quadris maternos. Chegadas à roça, as *cunhãs* punham os pequerruchos, nuzinhos, na areia, onde permaneciam mudos e quietos, "ainda que o ardor do sol lhes desse no rosto ou no corpo".

A educação dos varões estava a cargo do pai; a das fêmeas aos cuidados maternos. Logo que começavam a andar, os meninos iniciavam-se nos segredos da fabricação e manejo das armas, ao passo que as meninas aprendiam a fiar algodão, a entrançar a rede, a tecer nastros ou a ocupar-se dos trabalhos caseiros. Não existiam — salvo a exceção apontada por Hans Staden —, as sanções exteriores. Se as crianças não queriam aprender o seu ofício, não as castigavam por nenhuma falta. Referindo-se aos *Guaranis*, escreve o padre C. Teschauer: "Castigo corporal como corretivo era inteiramente desconhecido e só com muita dificuldade conseguiu o venerável Roque Gonzales introduzi-los nas primeiras reduções". "As crianças (observa H. Baldus, em seu belo estudo sobre os *Tupirapes*) aprendem brin-

cando... O menino de três anos já tem um pequeno arco com flechas, cujo tamanho corresponde ao tamanho do dono. A menina de três anos já possui uma pequena peneira, cujo tamanho corresponde ao tamanho da dona. Assim, os dois vão pescar como um casal adulto: o pequeno homem flechando os peixes; a pequena mulher recolhendo-os na peneira. Naturalmente, o tamanho destes peixes corresponde também ao tamanho destes pescadores. Voltando à casa, põem-se os peixinhos na brasa, assando-os. Segue a comida e com esta a prova de que os *Tapirapes* de três anos já sabem tratar da vida". É agradável (acrescenta outro observador, dessa vez o padre C. d'Abbeville) ver os meninos mergulhados nágua até a cintura, com seus arcos e flechas nas mãos, ferindo e trespassando os peixes com tal destreza que os mesmos, assim feridos, não podem ir ao fundo, apesar de todos os esforços, por causa da flecha atravessada no corpo. Nadam, então, os indiozinhos, ainda com os arcos nas mãos, indo buscar os peixes".

O castigo também não existia entre os índios de outros grupos cultural-linguísticos como, por exemplo, entre os *Caingangs* (bugres botocudos de Santa Catarina): nem as



Índios do Nordeste brasileira, em viagem. A mulher carregu a criança em um cesto, preso às costas (estampa de Nieuhoj, século XVII).

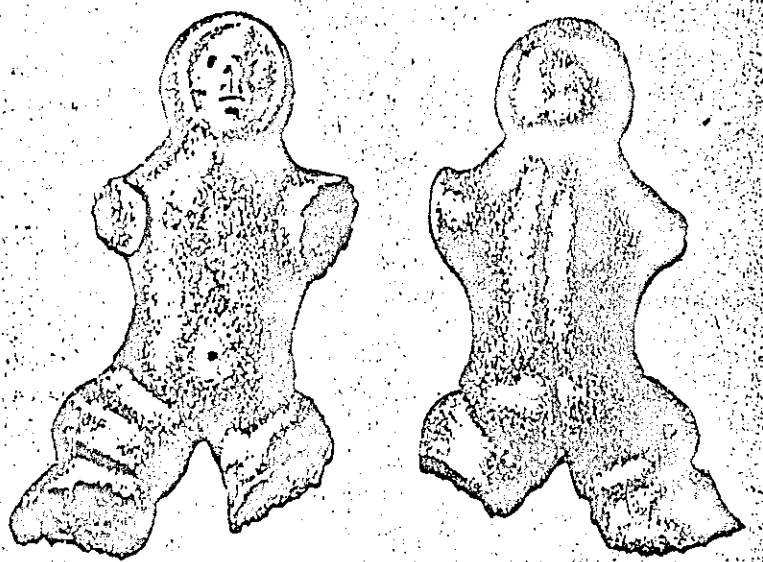
próprias mães podiam bater nas crianças. Os *Tapuiazinhos* do Nordeste brasileiro (observa E. Herckmans) "começam a andar quando têm nove a dez meses e, o que é mais para admirar, lançam-se nágua para aprender a nadar". Todos os viajantes que tiverem oportunidade de estudar a vida dos *Gês* (A. de Saint-Hilaire, Manizer, M. de Wied Neuwied, etc.), afirmam que os mesmos tratavam brandamente as crianças e só por exceção lhes batiam. É verdade que os *Botocudos* traficavam com os filhos mas na persuasão de que eles tornariam, depois, cobertos de riquezas devidas ao trato com os homens brancos.

Referindo-se aos índios *Guatós*, diz Max Schmidt que as crianças maiores tratam cuidadosamente das menores. Todos brincam muito e com grande ruído.

Essa educação progressiva não excluía os

folguedos naturais da idade. O uso das bonecas, por exemplo, existia entre as crianças *Bacairis*, apesar de notar-lhes K. d. v. Steinen um ar sizudo. Um ar quase de gente grande.

As preliminares do uso do *botoque* — que é um adorno de forma variável, conhecido também pelo nome de *metara* ou *tembetá* —, de uso exclusivamente masculino, começa no verdor da idade (aos quatro, cinco ou seis anos). Os pais preparavam o cauim e convidavam os parentes e amigos; nessa ocasião, com chifrezinhos ou ossos de veados, perfuravam os *Tupís* o lábio inferior do menino e, no orifício, introduziam um rolete de pau ou de pedra, ou um caracol, que se untava com unguento. Se o paciente chorava, era isso prenúncio de pouco valor. A libação da bebida mística durava dois ou três dias. Essas eram as cerimônias anunciadoras

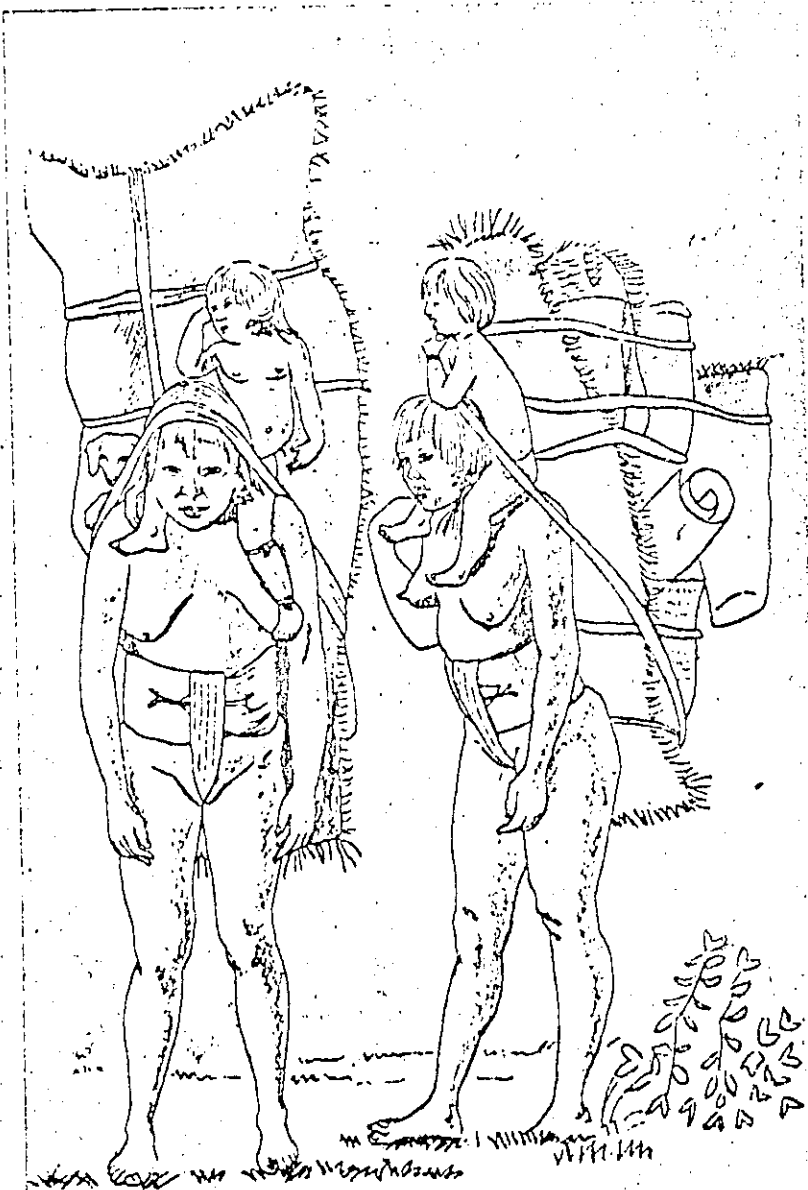


Bonecas de barro dos índios Bacairis. (Segundo K. v. d. Steinen).

da puberdade. Na puberdade, substituiu-se o botoque inicial ou provisório pela pedra verde simbólica. Entre os *Manés* e os *Amanajés*, os iniciandos punham a mão em um saco cheio de formigas *tocantleiras*.

O advento da menstruação era um facto a que se achavam ligados numerosos ritos mágicos. Cortava-se a cabeleira da moça, praticavam-se-lhe várias incisões nas costas e, em seguida, cobriam-se de cinzas as feridas.

Ao pescoço, punham-se colares de dentes de capivaras e nos braços e na cintura axorcas de fios de algodão. Seguia-se, então, o recolhimento: durante três dias a donzela jejuava, metida na rede, ao abrigo do olhar profano. O jejum, um pouco atenuado, perdurava até a vinda do segundo fluxo, com o que se praticavam novas incisões. As abstinências ainda se prolongavam por algum tempo e só ao terceiro mês podia a



Processo mais complicado de carregar crianças, usado pelos Bororos do Mato Grosso. (Segundo Hércules Florence).

moça ir ao campo, mesmo assim pintada de jenipapo. Com poucas variantes, os ritos da puberdade feminina existiam em quase todas as tribus *Tupi-Guaranis*.

Entre os *Cataxós* (do grupo *Gê*), havia o costume de aproveitar-se a lua minguante para a prática dos ritos preliminares da iniciação. Os *Botocudos* perfuravam as orelhas e os lábios das crianças logo após a primeira infância (aos sete ou oito anos); em certas ocasiões, todavia, a operação do lábio inferior era feita na época da puberdade e do casamento. Os *Aveicomas* perfuravam os lábios dos meninos e praticavam incisões na rótula da perna esquerda das meninas; essa operação fazia-se no verdor dos anos e em meio de grandes festas. Quando os *Tapuias* (diz Herckmans) "atingem a idade de sete ou oito anos, os pais os fazem homens, como eles dizem, o que se passa assim: reúnem-se os amigos com a costumada gritaria e o mais velho deles levanta o menino e o mantém suspenso, de modo que os outros lhe abram um furo no lóbulo ou parte inferior da orelha, bem como no lábio inferior, acima do queixo, onde introduzem uma pedrinha verde, branca, preta ou colorida e, nos buracos das orelhas, pauzinhos ou ossinhos brancos adrede preparados".

Os *Cherentes* depilam-se na época da puberdade e por ocasião da lua minguante. O furo do lóbulo auricular é praticado quando o menino atinge a idade entre os seis e os sete anos e no mesmo introduz-se um botoque de madeira leve. O pauzinho tem por fim dar morte e atrair a caça.

Tais são as principais práticas existentes entre os antigos *Tupis* do litoral brasileiro, ainda hoje conservadas pelos seus descendentes, no que diz respeito aos cuidados com o recém-nascido e com a criança no período anterior à puberdade.

BIBLIOGRAFIA

- Pinto (Estevão), — *Os Indígenas do Nordeste*, II, São Paulo, 1938.
 Pinto (Estevão), — "Ritos e costumes mortuários dos tupinambás do Brasil", em *Actas Ciba*, n.º 4, Rio, 1940.

Pinto (Estevão), — "A medicina dos tupi-guaranis", em *Actas Ciba*, ns. 3-4, Rio, 1944.

Sonres de Sousa (Gabriel), — *Notícia do Brasil*, 2 vols., São Paulo, s/d. C/notas do prof. Pirajá da Silva.

Schüller (R. R.), — "A covada", em *Revista Americana*, I, n.º 12, Rio, 1910.

Gandavo (Pero de Magalhães), — *História da Província de Santa Cruz*, Rio, 1924.

Salvador (Vicente do), — *História do Brasil*, São Paulo e Rio, 1918. C/notas de Capistrano de Abreu.

Staden (Hans), — *Viagem ao Brasil*, Rio, 1930. C/notas de Teodoro Sampaio.

Cardim (Fernão), — *Tratados da terra e gente do Brasil*, Rio, 1925. C/notas de Rodolfo Garcia.

Thevet (André), — *Singularidades da França Antártica*, São Paulo, 1944. C/notas do prof. Estevão Pinto.

Léry (Jean de), — *Viagem à Terra do Brasil*, São Paulo, 1941. C/notas de Sérgio Milliet e Plínio Ayrosa.

Évreux (Yves d'), — *Viagem ao Norte do Brasil feita nos anos de 1613 e 1614*, Maranhão, 1874.

Abbeville (C. d'), — *História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão, etc.*, São Paulo, s/d. C/notas de Rodolfo Garcia.

Anchieta (J. de), — *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões*, Rio, 1933. C/notas de A. Alcântara Machado.

Teschauer (Carlos), — *Poranduba Riograndense*, Porto Alegre, 1929.

Cascudo (L. da Câmara), — *Informações de História e Etnografia*, Recife, 1944.

Freyre (Gilberto), — *Casa Grande & Senzala*, 3.ª ed., Rio, 1933.

Métraux (A.), — *La religion des Tupinamba et ses rapports avec celle des autres tribus tupi-guarani*, Paris, 1928.

Métraux (A.), — "Les Indiens Kamakan, Patasso et Kutasso d'après le journal de route inédit de l'explorateur français J. R. Douville", em *Revista del Instituto de Etnología de la Universidad Nacional de Tucumán*, I, Tucumán, 1930.

Ploetz (Hermann) & Métraux (A.), — "La civilisation matérielle et la vie sociale et religieuse des indiens Zé du Brésil meridional et oriental", em *Revista del Instituto de Etnología de la Universidad Nacional de Tucumán*, Tucumán, 1930.

Nieuhof (Joan), — *Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil*, São Paulo, 1942. C/notas de José Honório Rodrigues.

Steinen (K.v.d.), — *Entre os aborígenas do Brasil Central*, São Paulo, 1940.

Diálogos da Grandeza do Brasil, Rio, 1930. C/notas de Rodolfo Garcia.

Baldus (Herbert), — *Fusões de Etnologia Brasileira*, São Paulo, 1937.

Herckmans (Elias), — "Descrição Geral da Capitania da Paraíba", em *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco*, V, Pernambuco, 1886.

Schmidt (Max), — *Estudos de Etnologia Brasileira*, São Paulo, 1942.